

Introdução

No artigo *O erotismo dos Orixás nos mitos yorubanos em diáspora*, Claudicélio Rodrigues da Silva nos introduz às temáticas eróticas presentes nos textos diaspóricos compilados por Reginaldo Prandi. O autor explora a ideia de que as sucessivas relações eróticas entre os orixás nas histórias e mitos têm um significado mais profundo. Ao mesmo tempo, os mitos de origem africana podem ensinar menos sobre as dinâmicas das relações amorosas em si e mais sobre o sistema patriarcal que influencia as regras e o poder entre os gêneros. Silva (2023) destaca que essas histórias apresentam alternâncias entre sistemas de dominação, ora liderados por homens, ora por mulheres. Essas narrativas não apenas abordam relações amorosas, mas também oferecem *insights* sobre as dinâmicas de poder entre os gêneros e o sistema patriarcal subjacente. As sucessivas relações eróticas, que orientam as ações dos orixás, sugerem que o erotismo constitui a energia vital que rege humanos e deuses, impulsionando-os a batalhas intensas contra obstáculos que impedem o prazer e a satisfação, inclusive os arrastando para situações desafiadoras, simbolizadas pelo "precipício". Os mitos de origem africana não são simplesmente um guia moral, mas uma forma de provocar reflexão sobre as complexidades do amor e suas ramificações.

A mitologia africana tem suas próprias concepções e normas em relação ao corpo, à nudez, aos prazeres, aos desejos e aos afetos, que variam entre as diferentes tradições culturais e religiosas do continente. Algumas dessas normas incluem o respeito pelo corpo humano como um presente divino, e por isso é valorizado como um elemento sagrado e, em muitas culturas, é necessário que seja mantido coberto. A nudez pode ser vista como uma expressão de pureza e renovação, mas em muitas tradições é considerada inapropriada em espaços públicos ou sagrados. Os prazeres e desejos sexuais são muitas vezes considerados um aspecto natural e saudável da vida humana, e podem ser celebrados em algumas tradições, mas também são frequentemente regulados por normas sociais e religiosas que variam entre as culturas africanas. Os afetos são frequentemente vistos como uma parte importante da vida humana, e a família e a comunidade são valorizadas como unidades importantes para o cuidado e apoio emocional (VERGER, 1999).

¹ Mestra em Letras, com área de concentração em Literatura Comparada, pelo programa de pós-graduação da Universidade Federal do Ceará - UFC. E-mail: georgianapinho1@gmail.com.

Cristiane Sobral, em seu livro *Terra negra* (2017), e Lubi Prates em *Um corpo negro* (2021) adotam uma perspectiva afrocentrada para explorar a sexualidade. Esta perspectiva se baseia em um sistema de crenças complexo que alimenta o comportamento religioso dos membros da comunidade negra. Os mitos constituem, em essência, uma comunidade detentora com uma diversificada herança cultural africana que, pela sua dinâmica interna, é geradora de valores éticos e comportamentais que enriquecem, particularizam e imprimem sua marca no patrimônio cultural do país (BRAGA, 1992). Esses mitos são um conjunto que envolve, para além dos compromissos religiosos, uma filosofia de vida e um modo de interação do ser humano consigo mesmo e com os elementos essenciais da natureza, essa última compreendida na concepção dos afro-brasileiros como “uma expressão da sacralidade que envolve e toma conta de todas as coisas” (BRAGA, 1992, p. 14).

A sabedoria mítica da África é ampla e nela há heróis tão destemidos quanto Hércules, heroínas tão intrigantes quanto Vênus, aventureiros tão notáveis quanto Ulisses e deuses e deusas tão prolíferos quanto os panteões da Índia e da Grécia Antiga. Os deuses africanos, denominados usualmente de orixás, são cultuados na África Ocidental e por povos descendentes na diáspora. Cada orixá está relacionado a um elemento da natureza e seus arquétipos são, de certo modo, baseados nestes elementos. Os deuses reverenciados na tradição de matriz africana são diversos e o modo de enxergar a fé, o mundo e a adoração dessas divindades destoa. Isso porque nas culturas africanas orais, o mito incorpora reflexões filosóficas e expressa valores morais, mas ao contrário dos ocidentais, os mitos não são recontados como uma simples narrativa, nem há um conjunto único de histórias estabelecido. As narrativas mitológicas africanas são adaptadas e transmitidas em práticas rituais (PRANDI, 2001).

Oxum é a orixá que rege os domínios da sexualidade e fecundidade nesta mitologia, sendo enaltecida como a deusa dos rios de água doce, do ouro e da fertilidade dos campos e das mulheres. Segundo relata o mito, Oxum foi concebida por Orunmilá e por Iemanjá. Durante um passeio, Orunmilá se encanta com a beleza de Iemanjá e a convida para ir ao seu palácio, argumentando que desejava conhecê-la. Iemanjá não atende o convite de imediato, mas um dia aceita o convite de Orunmilá. Não se sabe com clareza o que ocorreu nesse encontro no palácio, mas o fato é que Iemanjá ficou grávida após a visita. Após o nascimento de uma linda menina, Orunmilá envia Exu para comprovar se a criança era mesmo filha dele. Essa comprovação baseava-se na procura por sinais no corpo da criança. Se a menina apresentasse algum sinal, marca ou mancha na cabeça então ficava comprovado que era filha de Orunmilá, e passaria então a viver com ele. Oxum “foi criada pelo pai, que satisfazia todos os seus caprichos. Por isso cresceu cheia de vontades e vaidades” (PRANDI, 2001, p. 464). Oxum é a deu-

sa do ouro, da beleza, da riqueza e da vaidade. É caracterizada com vestes em amarelo e dourado, e possui um abebé (espelho) na mão. Nas cerimônias e rituais, Oxum é presenteada com leques, búzios, espelhos, pentes de casco de tartaruga e conchas de rio e de mar, além de joias (GONÇALVES, 2022).

A figura mitológica de Oxum, presente na ancestralidade africana, possui uma dimensão transgressora que pode ser explorada. Um exemplo disso é o uso do abebé de Oxum, que é um objeto sagrado utilizado em suas celebrações religiosas. Este objeto pode ser entendido como um símbolo da autoestima, pois possibilita o reconhecimento do belo de si mesmo refletido no espelho. Além disso, o abebé de Oxum também pode ser visto como uma ferramenta estratégica para o domínio do ambiente co-habitado. Isso porque, ao reconhecer e valorizar a própria beleza, a pessoa se torna mais confiante e capaz de enfrentar as opressões impostas pelo ambiente, inclusive pelo opressor que intenciona estabelecer domínio pela força e pela violência. Assim, a dimensão transgressora inspirada no abebé de Oxum é uma forma de resgatar a autoestima e a confiança das pessoas negras, valorizando sua identidade e cultura. Isso pode contribuir para a luta contra o racismo e outras formas de opressão, ao mesmo tempo em que fortalece a resistência e a capacidade de enfrentar as adversidades do ambiente em que se vive.

O erótico-afetivo em *Terra negra*, de Cristiane Sobral e *Um corpo negro*, de Lubi Prates

Tanto Sobral quanto Prates discorrem sobre sua própria imagem enquanto mulheres negras e sobre a perda dessa imagem pelas interseções das imagens de controle que, segundo Patricia Collins (2019, p. 140), refletem “o interesse do grupo dominante em manter a subordinação das mulheres negras”. Segundo a socióloga e teórica feminista estadunidense, as imagens de controle fazem parte de uma ideologia generalizada de dominação, que manipula ideias sobre a condição de mulher negra, explora símbolos já existentes ou cria esses símbolos. Isso ocorre porque essas imagens são traçadas com o propósito de fazer com que o racismo, o sexismo, a pobreza e outros modos de injustiça social pareçam naturais ou inevitáveis. A poesia das duas poetisas contempla o ser negra no mundo sob a ideologia colonialista europeia, presumidamente branca. A recuperação da imagem positiva e a atribuição de um caráter erótico-afetivo é construída processualmente e parte, a princípio, da interrelação entre corpo e ancestralidade africana. O termo erótico-afetivo se refere à conexão entre o erótico, que abrange a sexualidade, a sensualidade e a paixão, e o afetivo, que engloba os sentimentos de amor, cuidado, intimidade e conexão emocional. Essa combinação é utilizada para transmitir a experiência de prazer e dor dos corpos negros, que são frequentemente marginalizados e objetificados na sociedade.

No poema *O falo dita as falas*, Cristiane Sobral faz menção à Exu, uma entidade que é comumente associada à ideia de co-presença, o que significa que sua presença em um determinado espaço ou momento abre caminho para a presença dos outros orixás. Sua presença descentralizada permite que ele estabeleça conexões de forma livre e fluida, criando um fluxo constante de identidades e energias que podem se manifestar de diversas formas na vida das pessoas (FERNANDES, 2017). Nesse poema em questão, Sobral aborda temas relacionados à ancestralidade, religiosidade e espiritualidade, que podem incluir a relação dos indivíduos com as divindades e suas manifestações simbólicas.

Exu abre alas
O falo ditando as falas

Eu falo
Exu me guia
Transforma a ordem sem fazer desordem
Abre os caminhos

Eu falo
Exu
Com seu falo cortante
Invade a cena
Penetra o instante

Exu
O rei da festa
O guardião da floresta
O anfitrião antropofágico

Exu
O porteiro mágico
Coloca o seu gozo no redemoinho
Abrindo o caminho
(SOBRAL, 2017, p. 54-55).

Nota-se que o poema está homenageando Exu, uma divindade importante nas religiões de matriz africana, como o Candomblé e a Umbanda. Exu é frequentemente associado à comunicação, à abertura de caminhos e à transformação, e é retratado como um guardião dos limites entre o mundo físico e espiritual. No poema, Exu é invocado como uma figura guia, que abre caminhos e inspira a fala. A palavra "falo" é usada de forma simbólica para representar o poder e a força de Exu. Os versos "O falo ditando as falas" e "O falo sentinela/Inspira as falas" parecem referir-se à ideia de que o poder patriarcal tem historicamente influenciado e moldado a linguagem, mas Exu é apresentado como uma figura que desafia e subverte essa estrutura, inspirando novas vozes e perspectivas. O poema explora a relação entre Exu e a festa, sugerindo que ele é o "rei da festa" e o "anfitrião antropofágico". O último verso, "Abrindo o caminho", reforça a ideia de que Exu é um guia e um facilitador, que ajuda a superar obstáculos e a abrir novas possibilidades.

Nesse poema, a afirmação da autonomia feminina é apresentada de forma sutil, mas pode ser notada em alguns elementos da poesia. Primeiramente, a figura de Exu é apresentada como um guia e protetor da mulher negra, mas não como um dominador ou opressor. Ele é simbolizado pelo falo, que é uma representação da masculinidade, mas também é associado ao poder da comunicação, do elo e da transição. Isso sugere que o falo pode ser uma ferramenta de poder, mas não necessariamente está associado à dominação masculina. Além disso, a voz da mulher negra é ativa no poema. As quatro primeiras estrofes são iniciadas por “Eu falo”, havendo a demarcação da sua voz, suas vontades e desejos. Ela fala, busca transcender sua condição limitada e é inspirada pelo falo de Exu, mas não está submissa a ele. Pelo contrário, ela se apresenta como uma líder e uma protagonista da sua própria história. Por fim, a ideia de desautorizar o masculino pode ser notada na forma como o poema valoriza a sexualidade feminina e a autonomia da mulher em relação ao seu próprio prazer. A mulher negra é apresentada como uma figura que busca se libertar da submissão e da privação dos seus prazeres pela dominação masculina. Isso sugere que a autonomia feminina é um elemento importante na poesia e que a mulher negra não está disposta a renunciar a ela.

O falo, que é um símbolo fálico associado a Exu, é uma imagem bastante erótica por si só. A poesia faz uso dessa imagem para evocar ideias de poder, desejo e transgressão diretamente relacionado à religiosidade afro-brasileira. O "porteiro mágico" mencionado nos versos se refere a Exu, que tem o poder de abrir as portas do mundo espiritual e de possibilitar o contato entre as pessoas e as divindades. O "gozo" mencionado se refere ao prazer e à satisfação que as pessoas podem obter ao alcançar seus objetivos ou ao encontrar soluções para seus problemas, e que Exu é capaz de proporcionar através da sua intervenção. O "redemoinho" mencionado se refere à energia e à dinâmica que Exu é capaz de criar ao abrir os caminhos e ao permitir que as coisas aconteçam de forma mais fluida e intensa. Exu é utilizado como uma figura que substitui a figura mitológica grega de Eros.

A substituição de figuras mitológicas europeias por figuras mitológicas afro-brasileiras, como a substituição de Eros por Exu, é uma estratégia utilizada por muitos escritores e poetas negros como forma de reivindicar a presença e a importância da cultura afro-brasileira na literatura e na sociedade brasileira. Essa substituição não apenas desafia as normas e hierarquias estabelecidas, mas também coloca em questão a hegemonia cultural europeia e o papel da cultura afro-brasileira na formação da identidade nacional. No poema em questão, a figura de Exu é apresentada de maneira erótica, com referências ao seu falo e à sua capacidade de inspirar as falas e de penetrar o instante. Essa abordagem erótica é uma consequência direta da substituição de Eros por Exu, já que Eros é associado ao amor

romântico e à paixão, enquanto Exu é associado a transgressão, à sexualidade e à vitalidade. Embora a ideia de erotismo não seja comprometida pela substituição de figuras mitológicas, a concepção de erotismo pode mudar dependendo das figuras que são utilizadas na representação. A substituição de Eros por Exu pode levar a uma abordagem mais transgressora e desafiadora da sexualidade, que desafia as normas e hierarquias estabelecidas e pode trazer novas perspectivas sobre a relação entre erotismo, poder e resistência.

A aproximação entre Sobral e Prates revela-se fecunda por determinadas qualidades sedutoras como, por exemplo, poemas em uma linguagem acessível, com referências históricas; a partir de uma franca e ágil comunicação com os seus leitores, a poesia das poetisas é refinada e crítica. Diferem, no entanto, na abordagem erótica. A abordagem de Cristiane Sobral é mais explícita e centrada na descrição física e sensual do amante. Enquanto Prates se concentra nas camadas emocionais e simbólicas da expressão erótica. Na introdução do seu livro *As subversões do erótico* (2022), Pedro Ambra questiona: “é possível descolonizar o erótico e reflorestar o desejo?”. Mais do que tentar responder à questão, o autor propõe uma reflexão crítica sobre a forma como o erotismo é entendido e vivenciado na cultura em que vivemos, e sobre os padrões, normas e valores que influenciam nossa compreensão do erótico. Para Ambra (2022):

O erótico ameaça a ilusão de controle, pois nunca se goza exatamente como a nossa consciência moral esperaria, seja ela conservadora, seja desconstruída. No erótico, há um real irreduzível que implica que o sujeito coloque algo de si lá onde nem mesmo ele se reconhece como tal, em uma aposta de que é possível encontrar um excesso, uma potencialidade do ser no prazer ainda não descoberta (AMBRA, 2022, p. 12).

Assim, o erótico é uma força desestabilizadora que desafia as expectativas sociais e morais em torno da sexualidade humana. Ao abraçar essa força e se permitir experimentar novas possibilidades, pode-se descobrir aspectos inexplorados da própria identidade e potencialidade. Sobral e Prates reivindicam, em suas respectivas obras literárias, a reconstrução de uma identidade feminina que reflete a conjunção nacional e o cânone literário. *Terra negra* e *Um corpo negro* apresentam tanto uma oposição à “brancura” aclamada por um país que propaga a imagem de uma nação sem conflito racial, quanto o desempenho de retratar um erotismo que convoque uma necessidade vital de ser negra. O resultado esperado de uma prática erótica sem traços de uma miopia histórica acentua um espaço literário para a elaboração de toda a complexidade do que “ser negra” significa.

O poema *hasta aqui, hasta llegar a mí* é um poema de Prates que explora a ideia de conexão e ancestralidade através da imagem de um sujeito que carrega em si os elementos da natureza e do mundo:

você traz na pele
todos os tons da terra
e eu tento adivinhar
inutilmente
quantos continentes você percorreu
hasta aqui, hasta llegar a mi
quais continentes você percorreu
hasta aqui, hasta llegar a mi
para guardar em si
tanta cor e esse cheiro
que se acentua quando chove.
[...]
:somos filhos da África
e tudo que contamos através dos nossos corpos
fala sobre nós, mas no profundo da memória
guarda nossos ancestrais.
(PRATES, 2021, p. 75-76).

A primeira estrofe nos traz a imagem da pele do outro, uma pele que carrega todos os tons da terra. O sujeito poético tenta adivinhar quantos continentes foram percorridos para que essa pessoa pudesse trazer consigo essa variedade de cores. E reconhece que o outro também tem uma história e experiências próprias, e que talvez eles tenham atravessado os mesmos oceanos e continentes para chegar aonde se encontram atualmente. A estrofe seguinte sugere que a conexão entre o eu-lírico e o outro é ainda mais profunda do que se imaginava. Eles são "filhos da África", sugerindo que compartilham uma história e uma ancestralidade em comum. A estrofe também sugere que as histórias e experiências que eles carregam em seus corpos são parte de uma memória coletiva mais profunda, que remonta aos seus antepassados. A imagem final sugere que, mesmo que essa conexão não seja imediatamente perceptível, ela está sempre presente em seus corpos e em sua memória. O poema tem um tom introspectivo e reflexivo sobre a conexão entre duas pessoas que têm experiências e histórias semelhantes. E explora a ideia de que essas histórias e experiências são compartilhadas, sugerindo uma conexão profunda que pode ser sentida. Neusa Santos Souza (2021) destaca a importância dos antepassados como modelos a serem seguidos e como influências poderosas na vida dos descendentes:

Os antepassados ocupam um lugar privilegiado na história do negro, particularmente do negro brasileiro. Substancialmente investidos de energia libidinal, suas palavras têm estatuto de verdade e força da lei, e seus projetos não realizados são o destino dos descendentes. Assim, essas figuras ancestrais – mais ou menos remotas – constroem o sistema superego ideal do ego, viabilizando a interiorização das exigências e ideais a serem cumpridos por filhos, netos, bisnetos, *ad infinitum* (SOUZA, 2021, p. 67).

Para muitos negros brasileiros, a conexão com os antepassados é uma forma de resistência cultural e política. Ao valorizar a herança cultural e as lutas históricas dos seus antepassados, os negros brasileiros reafirmam a sua identidade e a sua história, além de combater o racismo estrutural e as desigualdades sociais. Conforme Rita Laura Segato (2006),

através do mito, podemos perceber as complexidades profundas da psique nacional de um povo que foi incorporado à força na nação através do comércio de escravos, e que desde então tem sido mantido à margem da vida econômica e política, sem políticas públicas eficazes para reparar sua exclusão da sociedade. Escritores negros tendem a destacar a importância do diálogo intergeracional na transmissão dos valores e ideais dos antepassados para as gerações futuras, garantindo assim a continuidade da luta por justiça e igualdade.

Em *O herói com rosto africano: mitos da África*, Clyde Ford (1999) investiga personagens reais e imaginárias, considerando a narrativa de suas trajetórias como fontes de sabedoria, reparação e cura das feridas deixadas pelo tráfico negreiro e a escravidão. O autor avança na proposição de que essas personagens, bem como os mitos das quais fazem parte, são elementos essenciais de ressignificação da identidade afrodescendente, capaz de orientar posturas de resistência reparadoras do racismo. Quando o enfoque é a própria experiência como pessoas africanas em uma perspectiva heroica, então isso implica está efetivamente buscando uma cura pessoal e social (FORD, 1999). Para o professor afro-estadunidense, o poder do mito africano na construção das personagens e no fazer ficcional transcende a vitimização histórica e supre a representatividade humanizada. Ao nos direcionar para a questão de um herói com rosto africano, o autor diz o seguinte sobre as referências mitológicas:

A mitologia tem sido tradicionalmente um meio de tornar saudável o indivíduo e a sociedade ajudando as pessoas a harmonizar as circunstâncias da vida com essas inquietações mais amplas. E é exatamente esse tipo de cura que se pode obter ao abordar a experiência dos afrodescendentes pela mitologia (FORD, 1999, p. 32).

Vista como um meio para as escritoras negras acessarem e expressarem sua própria história, cultura e identidade, os mitos africanos funcionam como fonte de inspiração, oscilando entre o consolo e a esperança. A narrativa de heróis e heroínas negros, reais e mitológicos, vai desempenhar o papel central no âmbito das relações raciais, tanto no que se refere à desconstrução das imagens negativas e restituição das estruturas psíquicas e imagens originais da identidade negra, quanto na “compreensão do protagonismo histórico-político e da luta contra-hegemônica enquanto condições indissociáveis da formação crítica e da superação das injustiças e desigualdades sociais históricas” (JUNIOR, 2017, p. 210).

As perspectivas de erotismo apresentadas por Cristiane Sobral e Lubi Prates oferecem *insights* profundos sobre as diferentes maneiras pelas quais as mulheres negras abordam e exploram a expressão sexual e afetiva. Embora ambas se baseiem na vivência do corpo negro feminino, elas revelam aspectos distintos dessa experiência. Cristiane Sobral adota uma abordagem mais explícita e direta em relação ao erotismo negro, explorando temas de desejo e sen-

sualidade com uma linguagem franca e visceral. Ao celebrar o ato sexual, ela desafia as normas tradicionais de pudor e tabu que historicamente tentaram silenciar a expressão sexual das mulheres, especialmente das mulheres negras. Essa abordagem mais sexualizada e provocadora de Sobral pode ser vista como um ato de empoderamento, reivindicando a agência sexual da mulher negra e rejeitando estereótipos que tentam restringir sua liberdade de expressão.

Por outro lado, Lubi Prates adota uma perspectiva mais sutil e emocional em sua abordagem do erotismo. Ela direciona seu foco para a conexão emocional, o autoconhecimento e a afetividade nas relações. Ao explorar esses elementos, Prates cria um traço poético que vai além do aspecto físico do erotismo e mergulha nas complexidades da intimidade emocional. Sua poesia destaca a importância da comunicação, da compreensão mútua e da empatia como componentes fundamentais da experiência erótica, ampliando a noção convencional do que o erotismo pode ser. Souza (2019) reflete o modo como as mulheres negras dizem e vivenciam as experiências de prazer e dos seus desejos, argumentando que essas mulheres põem em funcionamento e circulação novas rotas do erótico que as viabiliza enquanto sujeitos sexuais e agenciadoras desse prazer. Esse desejo que, por vezes, é espiritual, intelectual, físico e emocional, evita binarismos; é fluído.

Considerações finais

O processo de formação do imaginário sobre o negro e sua sexualidade, assim como a aprendizagem desse imaginário, bem como os mecanismos que os mantêm, resultou na marginalização de outras epistemes e de outras formas de compreensão do afeto e do desejo. Além disso, houve a redução e homogeneização das experiências afetivo-sexuais aos rótulos construídos à imagem e semelhança da experiência branca. Cristiane Sobral e Lubi Prates recorrem à mitologia africana em sua escrita erótica e encontram inspiração, alento e interditos em sua própria cultura e tradições. A mitologia africana é rica em histórias e tradições que envolvem elementos eróticos, e elas usam esses elementos para explorar a sexualidade de maneira que reflitam suas próprias experiências e perspectivas culturais, enquanto mulheres e negras. Essa mitologia também oferece uma oportunidade para que possam reivindicar a sexualidade e o erotismo como parte integrante da vida e da cultura afro-brasileira, desafiando estereótipos racistas e coloniais que tendem a retratar as culturas africanas como primitivas.

É preciso pontuar que *Terra negra*, de Cristiane Sobral e *Um corpo negro*, de Lubi Prates procuram dar forma a determinadas ausências. Ausências que culminam numa relação dinâmica e mútua entre as poetisas. Em questão de literatura, são duas mulheres negras, cuja sexualidade se constrói de forma contra-hegemônica, constituída discursivamente em um

contexto sócio-histórico das relações raciais e sexuais brasileiras, notadamente marcada pelo discurso da democracia racial. Apesar dos pesares, as poetisas não fazem uma leitura tautológica da mulher negra na literatura. Para haver um erotismo desvinculado da exploração sádica do corpo negro é necessário reconhecer a importância do consentimento, da igualdade e do respeito mútuo nas relações sexuais. E as duas poetisas apontam que é preciso desafiar as dinâmicas de poder que ainda influenciam as relações sexuais, especialmente aquelas que envolvem grupos sociais historicamente oprimidos, como as pessoas negras. Isso significa promover o diálogo, o entendimento e a empatia entre diferentes grupos sociais, bem como lutar contra o racismo e outras formas de opressão que impedem a construção de relações sexuais baseadas em igualdade e respeito mútuo.

REFERÊNCIAS

AMBRA, Pedro. **As subversões do erótico**. São Paulo: Editora Bregantini, 2022.

COLLINS, Patricia Hill. A política sexual para as mulheres negras. In: **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. Tradução: Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.

CUTI (Luiz Silva). Literatura erótica e identidade negra. In: **Atas do III Simpósio Internacional de Literatura Negra ibero-americana**. MACHADO, R. V. (org.). [Livro eletrônico]. Universidad Tecnológica Federal Paraná, 2017.

FORD, Clyde. **O herói com rosto africano: mitos da África**. São Paulo: Selo negro, 1999.

GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor**. 29 ed. Rio de Janeiro: Record, 2022.

JUNIOR, Neilton Ferreira. O herói com rosto africano e o atleta olímpico negro. In: RUBIO, Katia (org). **Esporte e mito**. 1 ed. São Paulo: Laços Editora, 2017.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. 1 ed. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

SAMYN, Henrique Marques. Erotismo e representação do corpo negro em *Terra negra*, de Cristiane Sobral. **Revista Matranga**, rio de janeiro, v.26, n.48, p.672-687, set./dez. 2019.DOI: <https://doi.org/10.12957/matranga.2019.42336>. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matranga/article/view/42336>. Acesso em: 13 março 2023.

SILVA, Claudicélio Rodrigues de. O erotismo dos Orixás nos mitos yorubanos em diáspora. In: **4º colóquio da língua de eros** [livro eletrônico]: cala a boca já morreu quem manda no meu gozo sou eu. SILVA, Claudicélio R. (org). 1 ed. Fortaleza, CE: Ed. dos Autores, 2023.

SOBRAL, Cristiane. **Terra negra**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

PRATES, Lubi. **Um corpo negro**. 3 ed. São Paulo: nossa editora, 2021.

SOUZA, Neusa Santos. **Torna-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. 1.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.